

Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet¹

Paulo Roberto Alves Teles²

Reinventar a Democracia. Essa é a principal constatação do espanhol Manuel Castells presente em seu livro *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet* (2013). Referência obrigatória nos estudos sobre movimentos sociais no final do século XX e início do século XXI, a contribuição teórica do autor se estende da sociologia da comunicação aos estudos sobre os movimentos sociais no século XXI e tem como objetivo norteador analisar as novas dinâmicas sociais e a sua relação com o mundo virtual, isto é, debruçar-se sobre a *Sociedade em rede*³ termo cunhado pelo próprio autor. Diretor do Instituto Interdisciplinar de Internet na Universidade Aberta da Catalunha, em sua carreira destacou-se pela publicação da trilogia *A Era da Informação* formada pelo famoso *A Sociedade em Rede*, seguido de *O Poder da Identidade* e *Fim de Milênio*, publicados em 1999. Além disso, lecionou em universidades renomadas como a Universidade da Califórnia – Berkeley e Universidade de Paris.

Em 2008, o mundo foi abalado por aquela, que muito possivelmente, tenha sido a pior crise econômica após 1929. A desestruturação de modelos econômicos neoliberais e o estrangulamento financeiro de inúmeras nações provocaram rachaduras nas antigas barreiras de contenção social. No mundo árabe, ditaduras tradicionais se tornaram o alvo basilar de críticas provenientes dos mais diversos grupos sociais, em especial, as camadas populares, exauridas por viver em um Estado corrupto, violento, autoritário e, sobretudo, falido. Na Europa, em países como a Espanha, milhares de pessoas foram às ruas, seguiram o modelo árabe e ocuparam espaços públicos em prol da reivindicação de seus direitos sociais. Por fim, nos Estados Unidos, setores médios urbanos e segmentos populares se rebelaram contra os benefícios concedidos pelo Estado ao mercado financeiro em detrimento da sociedade. Mundo árabe, Europa e Estados Unidos todos eles ambientes onde ocorreram movimentos simultaneamente locais e globais. O que os une? O que os motiva?

Ao se debruçar profundamente sobre os movimentos sociais ocorridos após a crise financeira de 2008 (Primavera árabe, Movimento *Los Indignados* e *Occupy Wall Street*), Castells (2013) o autor buscou em sua obra compreender as novas formas de manifestações sociais e a sua relação com a internet. Para tanto, ele resgata a concepção de *sociedade em rede* discutida por ele anteriormente. Castells (2005) acredita que a tecnologia consiste numa ferramenta construída para atender demandas sociais, econômicas e culturais, diante disso, os últimos 20 anos assistiram a construção de veículos de comunicação de massa horizontais, o que conseqüentemente permitiu ao indivíduo construir redes de interação virtual e troca de informações. Para ele, assim como o século passado teria definido a sua modernização pela capacidade de obter recursos energéticos, o nascimento do século XXI seria caracterizado por uma nova forma de modernização: a capacidade de obtenção de informação.

Herdeiro da visão marxista de François Chesnais (1996)⁴, Castells (2005) traça uma análise pessimista a respeito das novas formas de organização socioeconômicas, as quais ele denominou de *cassino global*, ao se referir à interação do mercado financeiro mundial. O seu pessimismo veio a se concretizar após a crise de 2008.

A comunicação digital teria sido responsável pela construção de novas formas de organização e movimentos sociais. Castells (2013) utilizou em seu trabalho de pesquisa

inúmeras fontes digitais. Twitters, postagens no Facebook, blogs, vídeos, etc et al foram alvo de profunda análise e estudo para o entendimento da comunicação de massa horizontal, que possibilita qualquer indivíduo ser agente ativo e passivo na produção de informações. Portanto, internet provocou uma redefinição de valores e que alteraram os alicerces e as formas de comunicação e acesso à informação. A denominada *sociedade em rede*, que nas palavras do autor:

“(...) é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes (...)”⁵

Para ele, esse fenômeno teria sido responsável por um processo de fragilização das tradicionais formas de Estado, que insatisfeitas com a sua realidade, exigem uma reconstrução do princípio de Democracia. É, sobretudo, esse elemento que une o mundo árabe, a Europa e os Estados Unidos. Obviamente, que os movimentos ocorridos nessas regiões apresentam aspectos específicos, do mesmo modo, que também possuem elementos gerais. Para Manuel Castells (2013), os movimentos sociais são simultaneamente locais e globais.

Portanto, a compreensão dessas novas formas de interação social é fundamental para o entendimento do que aconteceu em diferentes partes do globo após 2008. Visto que a Internet foi responsável pela quebra do monopólio da informação estabelecido pelos veículos midiáticos tradicionais. Todavia, qual a relação desse entendimento com as manifestações sociais estudadas pelo autor?

Castells (2013) compreende que um dos mais poderosos sentimentos humanos reside no medo. Obstáculo maior, o medo da repressão estatal, da violência policial e da impunidade, foi responsável pela resignação de inúmeros povos árabes, residentes em países marcados pela presença de ditaduras estabelecidas no poder há décadas. No entanto, o mesmo autor alerta que somente um sentimento de igual força é capaz de romper o medo: A raiva. Esta, por sua vez, sedimentada por vários anos de coação e impunidade, pelos constantes conflitos entre o Estado autoritário e a sociedade é resultado de um desgaste tão grande que em determinado momento, esse aparelho político e as suas respectivas instituições perderam, aos olhos de seus habitantes, a autoridade e representatividade. Nesse momento, quando isso explode, essa raiva se torna, nas palavras do autor, indignação, a qual o Estado é incapaz de conter.

O suplício de Mohamed Bouazizi⁶ foi o despertar dessa fúria que rompeu as barreiras do medo e desafiou a autoridade estatal, a qual diante desse evento inédito respondeu com mais violência às manifestações populares. No entanto, isso apenas serviu de combustível para o levante popular que rapidamente provocou a queda do ditador Zine El Abidine Ben Ali. Tal feito inédito e impressionante corresponde ao despertar dos povos árabes, que desejosos por participação política, ocupam espaços públicos e desafiam as autoridades tradicionais.

A velocidade de organização social permitida pela internet extrapolou a capacidade de repressão estatal devido a sua não compreensão nos métodos organizacionais desses grupos rebeldes que se utilizaram de redes sociais como ferramentas de comunicação horizontal. Rapidamente, os egípcios, identificados com elementos similares aos tunisianos (Ditadura, crise econômica, violência e corrupção policial) ocuparam a Praça Tahir e também promoveram a sua rebelião. Certamente, a convergência de símbolos de opressão e formas de enfrentamento contribuiu para a rápida propagação da Primavera Árabe, obtendo resultados diversos e ainda em andamento. “(...) A revolução da internet não nega o caráter territorial das revoluções ao

longo da história. Em vez disso, ela estende do espaço dos lugares para o espaço dos fluxos (...)»⁷.

A capacidade organizacional e a coragem dos árabes perante a enorme repressão exercida pelo Estado serviram de combustível para que na Espanha surgisse o movimento *Los Indignados*, que utilizaram também a ocupação de espaços públicos como metodologia de suas manifestações. No caso espanhol, os altos índices de desemprego, o desmantelamento das políticas públicas de assistência social, em resumo a crise econômica foi a força motriz que sublevou esses indivíduos e os motivou a superar o medo e reivindicar transformações imediatas no agir político de seu Estado. Do outro lado do oceano, americanos embasados sobre a frase “nós somos 99%” correspondente ao princípio de que eles representam a maioria excluída, ocupam o principal centro financeiro do mundo, Wall Street, acusado de ser a minoria arrogante que se apropriou das riquezas produzidas por esses cidadãos. Mais ao sul, ainda no continente americano, brasileiros se unem ao movimento Passe Livre e deixam bem claro que a sua indignação superou os vinte centavos correspondentes ao aumento da passagem de ônibus.

Diante disso, a raiva se torna solidariedade. Os indivíduos presentes nesses movimentos reconhecem em outros indivíduos os seus dilemas e frustrações e percebem que somente a partir da intervenção direta de suas ações poderão ter força necessária para a promoção de mudanças sociais, econômicas e políticas. Em suas discussões, Castells (2013) retoma os princípios presentes também em Habermas (2012)⁸ ao enfatizar a capacidade de comunicação entre os participantes e simpatizantes dos movimentos. A concepção do *agir comunicativo* é fundamental para o esclarecimento de seus componentes, os quais são capazes de destituir a mídia tradicional televisiva como única e exclusiva narradora dos eventos ocorridos naquele período. Além disso, a perda de credibilidade por parte desse jornalismo é resultado da capacidade comunicativa proporcionada pela internet. Portanto, a construção de novas mentalidades através desse *agir comunicativo* possibilitou nesses movimentos propostas cujo cerne é reinventar a Democracia. Não se trata de destruir o Capitalismo, mas sim repensá-lo, reestruturar toda a Revolução Industrial se necessário. Visto que, as organizações político-partidárias e as suas respectivas instituições cederam aos interesses dos mercados financeiros e de grupos plutocratas dominantes. Portanto, repensar a Democracia através de uma nova mentalidade é fundamental para a gestação de uma sociedade menos desarmônica.

Notas

¹ CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro. ed. Zahar, 2013.

² Orientado pelo Professor Doutor Dilton Cândido Santos Maynard. Graduado em História e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS CNPq);

³ Ver CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política**. in: **A Sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Org: CASTELLS, Manuel. CARDOSO, Gustavo. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Belém, 2005;

⁴ CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**, São Paulo, Xamã, 1996;

⁵ CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política**. in: **A Sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Org: CASTELLS, Manuel. CARDOSO, Gustavo. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Belém, 2005, p. 19.

⁶ Vendedor ambulante tunisiano que cometeu auto-imolação após se sentir humilhado diante do confisco de sua banca de frutas pela polícia local;

⁷ CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2013, p.59.

⁸ HABERMAS, Jünger. **Teoria do Agir comunicativo V.1**. ed. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2012.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: A Sociedade em Rede**. V1. ed. Paz e Terra. São Paulo, 1999;

_____. **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política**. in: **A Sociedade em rede: do conhecimento à acção política**. Org: CASTELLS, Manuel. CARDOSO, Gustavo. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Belém, 2005;

_____. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro. ed. Zahar, 2013;

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**, São Paulo, Xamã, 1996;

HABERMAS, Jünger. **Teoria do Agir comunicativo V.1**. ed. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2012.